

INVESTIGAÇÕES SOBRE DAS UNHEIMLICHE: Uma análise do inquietante, do estranho e do demoníaco

INVESTIGATIONS ON DAS UNHEIMLICHE: An analysis of the disturbing, the uncanny and the demonic

Luiz Fernando Duran IÓRIO¹

RESUMO

Introdução: O conceito de Sigmund Freud intitulado *das Unheimliche* vem, ao longo do tempo, recebendo uma vasta gama de traduções possíveis, todavia, as explicações apresentadas pelo próprio autor podem demonstrar uma inadequação dos termos escolhidos pelos tradutores à parte das atribuições pertinentes ao conceito, tornando as traduções inadequadas do ponto de vista conceitual. **Objetivo:** Estas análises visam explicar o conceito de *das Unheimliche* e interrogar os termos escolhidos pelos tradutores. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, tendo como base textos freudianos traduzidos para o português assim como os originais em alemão. **Resultados:** Os resultados demonstram que a tradução do conceito de *das Unheimliche* para o português de forma literal e precisa seria impossível. A abrangência do conceito e as explicações de Freud sobre ele e a respeito do termo escolhido para nomeá-lo, bem como a bagagem histórica da teoria freudiana que o sustenta, demonstram a inadequação dos termos escolhidos pelos tradutores. Além disso, podemos também identificar a inexistência no português de um termo possível de enlaçar todas as atribuições presentes no termo escolhido pelo autor. **Considerações finais:** Os termos escolhidos pelos tradutores tendem a fomentar uma compreensão incompleta ou inadequada do conceito, excluindo diversos componentes imperiosos e indispensáveis de sua explicação.

Palavras-chave: psicanálise, investigação, sexualidade

ABSTRACT

Introduction: The Sigmund Freuds concept entitled *das Unheimliche* comes, over the time, receiving a lot of possibles traductions, however, the explanations submitted by the author can demonstrate an inadequacy of the terms chosen by the translators to a part of the assignments relevants to the concept, making the translations inadequate from a conceptual point of view. **Objective:** These analyzes aim to explain the concept of *das Unheimliche* and interrogate the terms chosen by the translators. **Materials and method:** This is a narrative review of literature, based on freudian texts translated into portuguese as well as the originals in german. **Results:** Te results demonstrate that translating the concept of *das Unheimliche* into portuguese in a literal and precise way would be impossible. The scope of the concept and Freud's explanations of it and the term chosen to name it, as well as the historical background of the Freudian theory that supports it, demonstrate the inadequacy of the terms chosen by the translators. In addition, we can also identify the absence in portuguese of a possible term to link all the attributions present in the term chosen by the author. **Final considerations:** The terms chosen by the translators tend to foster an incomplete or inadequate understanding of the concept, excluding several imperative and indispensable components from its explanations.

Keywords: psychoanalysis, research, sexuality

¹ Psicólogo especialista em psicologia clínica, mestre e doutorando em filosofia na linha de pesquisa de filosofia da psicanálise. Atua na clínica psicanalítica em Curitiba/PR e em Ponta Grossa/PR e como professor universitário no curso de psicologia da Faculdade Herrero em Curitiba/PR e no curso de psicologia do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais em Ponta Grossa/PR. E-mail: lui fernandodiorio@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

O conceito de *das Unheimliche* é introduzido e explicado por Freud em texto homônimo datado do ano de 1919 e entendemos que a experimentação de *das Unheimliche* seria uma das consequências de uma divisão estrutural (e estruturante) inerente ao sujeito da cultura. Não temos o intento de demonstrar o processo desta divisão através da teoria freudiana, tampouco de qualquer outro autor, mas sim, visamos mostrar uma das consequências inerentes ao processo em que o sujeito que outrora era um, torna-se dois (ou inúmeros) em parcelas impossíveis de se aferir com exatidão. Na verdade, na medida em que esta divisão ocorre, talvez tenhamos o determinante do funcionamento, do movimento e da busca deste sujeito no mundo. Para isto, examinaremos e teremos como principal referencial o texto de Freud *Das Unheimliche (1919)*¹.

O tradutor Paulo César de Souza optou por traduzir o termo *Das Unheimliche*, escolhido por Freud para intitular o texto e o conceito, por *O Inquietante*. Ora, *das Unheimliche* é um termo de múltipla compreensão mesmo em alemão e parece-nos que Freud² o escolhe justamente por esta multiplicidade de possíveis entendimentos. Explicou Freud: “A palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich*, *heimich*, *vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], sendo natural concluir que algo é assustador justamente por *não* ser conhecido e familiar”.

Uma vez que, mesmo em alemão, o termo já é bastante ambíguo, quem embarcar na tarefa de traduzi-lo também enfrentará grandes dificuldades conforme reconhece o próprio tradutor Paulo César de Souza². Desta forma, optaremos por utilizar *das Unheimliche* em nosso texto, conforme grafado originalmente. Fazemos esta escolha não por discordarmos da tradução (*O Inquietante*) escolhida pelo tradutor da edição que estamos consultando, afinal esta é uma das formas de se experimentar *das Unheimliche*, mas entendemos que ela se faz incompleta, tendo em vista que é possível também sugerir os termos: *estranho*, *lúgubre*, *sinistro*, *assustador*, *infamiliar*, *demoníaco*, dentre muitos outros conforme mostraremos ao longo de nosso escrito além dos que possam ser pensados pelo leitor.

O objetivo deste estudo, portanto, foi analisar e explicar o conceito através da teoria freudiana e interrogar os termos em português comumente escolhido pelos diversos tradutores da obra de Freud para o português. Deixaremos livre ao leitor a compreensão e a atribuição de melhor

termo mantendo, porém, o alerta de Freud¹ de que *das Unheimliche* se apresenta como *assustador* justamente por *não* ser visto como *conhecido* e *familiar*. Entretanto, o que é, como se forma e se apresenta *das Unheimliche*? É o que mostraremos a seguir.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma revisão narrativa da obra de Sigmund Freud a respeito do conceito de “*das Unheimliche*”. Foram utilizadas como bases de dados as obras freudianas traduzidas e originais, tanto a própria obra referente à explicação de “*das unheimliche*”, como obras anteriores que permitem demonstrar: I) O desenvolvimento da teoria que implica na formulação do conceito; II) A sustentação metapsicológica do conceito; III) As opções de termos escolhidas pelos tradutores.

3. REVISÃO DE LITERATURA E DISCUSSÃO

No início de *das Unheimliche* Freud explica a relação do que, agora é *unheimlich* com o que, outrora, foi *heimlich*. Escreve Freud²: “(...) o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar”. Ora, assim podemos verificar que o autor mostra que *das Unheimliche assustador* nada mais é do que uma face, uma vertente daquilo que é *bastante familiar*. Por esta via, podemos concluir que o caráter disto que é experimentado está mais relacionado com algo interior ao sujeito (subjetivo) do que com algo do meio externo. O mundo, como espaço exterior, por vezes ameaçador, talvez só se faça como suporte para este sentimento *bastante familiar* que, no desenrolar das coisas, acaba por ser vivenciado como algo externo.

Ora, instigante se mostra o fato de Freud², ao longo de suas pesquisas sobre o termo *unheimlich*, ter se deparado com as equivalências no árabe e no hebraico para o termo. De acordo com o autor, nestes idiomas, o termo teria relação com “*demoníaco*” e “*horripilante*” pois bem, podemos sustentar que, por algum motivo, é de longa data que os sujeitos tendem a transformar o *familiar* em *demoníaco*. Lúcifer não era um anjo?

Contudo, nos cabe fazer um esclarecimento baseado no escrito de Freud². Ao verificarmos que o autor explica: “*Unheimlich* é, de algum modo, uma espécie de *heimlich*” podemos, pois, concluir que uma vez que é proposto o verbo no presente (*é, de algum modo*) talvez seja adequado reformular nossa pergunta do parágrafo anterior: seria então correto questionar se Lúcifer não é (de algum modo) uma espécie de anjo? Ao mesmo tempo em que é anjo, por algum motivo, é visto como Lúcifer ou, Lúcifer, de alguma forma, é um anjo. Um anjo exilado posto fora do paraíso, mas

que nunca perdeu sua característica angelical *bastante familiar*. O termo exilado e a comparação com os demônios são inclusive mostrados pelo próprio Freud² em seu escrito:

O caráter do inquietante pode proceder apenas do fato de o duplo ser criação de um tempo remoto e superado, em que tinha um significado mais amigável. O duplo tornou-se algo terrível, tal como os deuses tornam-se demônios após o declínio de suas religiões (Heine, *Die Götter im Exil* [Os deuses no exílio]) (pp. 353-354).

Verificamos que Freud² opta pela utilização do termo *duplo* indicando novamente que este *exilado* nada mais é do que uma parcela do próprio *exilador* que teria sido destinada ao *exílio* e que, de lá, causa o efeito *das Unheimliche*. Entretanto, neste momento surge uma questão. Para além dos exemplos com deuses e demônios, como podemos visualizar e explicar este efeito no cerne do próprio sujeito?

Para responder esta questão, Freud² indica: “A fonte do sentimento inquietante não seria, aqui, uma angústia infantil, mas um desejo infantil ou tão somente uma crença infantil”. Nesta medida, o autor já direciona seu foco para um exílio que estaria relacionado a características do próprio sujeito. Características infantis que, ao longo do processo de desenvolvimento, foram destinadas ao exílio, colocadas fora, como exteriores a este sujeito e que, em um momento futuro, serão experimentadas como *das Unheimliche*.

Todavia, visando esclarecer esta questão, optamos por direcionar nossas análises ao texto de Freud³ intitulado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* onde ele mostra justamente os desejos familiares infantis que talvez sejam os que, ao longo do processo de desenvolvimento, são destinados ao exílio. Todo tipo de perversão sexual pode ser nitidamente observado nas crianças, sobretudo em seus primeiros anos de vida, conforme explica Freud³: “(...) diremos que essa constituição suposta, que apresenta os germes de todas as perversões, poderá ser evidenciada apenas nas crianças”. Ora, desta forma deduzimos que todos os sujeitos, que em última análise são *supostamente constituídos*, carregam em si mesmos, de forma *exilada*, todas as perversões outrora vistas como absolutamente familiares das quais o infante colhia as mais variadas satisfações. O experimentado como *das Unheimliche* parece ser muito mais um *re-experimentar* disto que, após a *constituição*, foi materializado no *duplo* e exilado. Freud³ prossegue quando assevera: “(...) os neuróticos mantêm o estado infantil de sua sexualidade ou são remetidos de volta a ele”. Se entendermos o *neurótico* como o sujeito dito *constituído* e inserido na cultura, podemos então concluir que, para ascender a esta *constituição*, o sujeito corporifica parte de seus próprios desejos, agora proibidos, em um *duplo* exterior.

Para corroborar o entendimento mostrado até aqui, examinando a obra *A parte obscura de nós mesmos* (2007), de Elisabeth Roudinesco⁴, verificamos que a autora, ao abordar a estrutura perversa, pondera: “(...) os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos”. Evidentemente que a análise da estrutura perversa não é um objetivo de nosso escrito, entretanto, não podemos deixar de considerar as análises da autora na medida em que elas pontam para estas *características* eminentemente perversas presente no próprio sujeito da cultura (o dito neurótico) e que ele as *dissimula* (para mantermos os termos da autora). Seriam então estes conteúdos perversos - que subsistem no sujeito - a causa primeira para o sentimento de *das Unheimliche*? Ora, talvez esteja para além das possibilidades demonstrar todas as causas desta experimentação, todavia, o que nossas análises mostram até aqui é que de fato este sentimento tem uma profunda relação com o que o próprio sujeito, de certa forma, *exila* de si mesmo. E, ao que parece, esta experimentação do adulto estaria em algum ponto correlacionado com o *conhecido/familiar* infantil. Como podemos sustentar este entendimento?

Pois bem, responderemos esta pergunta retornando ao texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) onde Freud³ explica:

Diríamos que os lábios da criança se comportam como uma *zona erógena*, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer. No começo, a satisfação da zona erógena estava provavelmente ligada à satisfação da necessidade de alimento. A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela (pp. 85-86).

Note-se que o autor enfatiza justamente a proximidade entre a *atividade sexual* e o mamar. Freud³ sustenta que estas duas teriam então (em um primeiro momento) sido uma única e mesma coisa que só posteriormente se desgarrariam uma da outra. Desta maneira, a fome e a necessidade de satisfação sexual seriam então uma única e mesma *fome*, a saber, a de alimento e a de prazer sexual.

Ademais, inferimos que Freud³ insiste neste entendimento quando salienta que podemos ver o ato de sugar (da criança) como uma manifestação sexual. Assim sendo, concluímos que algo *além* de uma saciedade da fome (no sentido nutricional) é vivenciado em um primeiro momento e posteriormente buscado pela criança na tentativa de uma reedição desta satisfação. Ora, e não poderia ser de outra forma, uma vez que Freud³ compara esta satisfação infantil ao orgasmo sexual do adulto quando propõe: “A sucção deleitosa absorve completamente a atenção, e conduz ao adormecimento ou, inclusive, a uma reação motora da natureza do orgasmo”. Inclusive, Freud³ coloca que o dormir do bebê pode se dar exatamente em virtude desta satisfação, uma vez que o autor entende que a satisfação sexual é o melhor dos soníferos.

Seguindo o entendimento de que algo comparável ou talvez correlato a uma experiência de orgasmo sexual é vivência (e constantemente buscada) pela criança nos primeiros momentos de sua vida em sua relação com a mãe³, abrimos diante de nós uma nova questão: estaria nossa leitura e nosso estudo seguindo justamente o rumo de tecer uma ligação entre *das Unheimliche* e a sexualidade infantil que, além de perversa, contém aspirações incestuosas?

Responderemos esta questão em duas partes: em um primeiro momento, abordaremos novamente a questão da *sexualidade infantil* retornando ao texto que constitui a principal referência de nosso estudo, quando Freud² já levanta esta possibilidade: “(...) o efeito inquietante do retorno do mesmo pode remontar à vida psíquica infantil”. Desta maneira, uma vez que no texto *O inconsciente (1915)*, Freud⁵ sustenta a atemporalidade da instância inconsciente, podemos entender que esta sexualidade juntamente a todos os seus *intentos* permanecem existindo e demandando satisfação no sujeito agora adulto, porém, *exilados* no mundo exterior e experimentados como *das Unheimliche*.

Neste momento, retomamos que este *heimlich* exilado será experimentado sim como *inquietante*, mas também como *lúgubre, estranho, demoníaco, aterrorizante, ameaçador, sinistro, terrível* dentre uma infinidade de termos possíveis. E sustentamos nosso entendimento através da passagem de Freud²:

(...) no inconsciente psíquico nota-se a primazia de uma compulsão de repetição vinda dos impulsos *pulsionais*, provavelmente ligada à íntima natureza dos instintos mesmos, e forte o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer, que confere a determinados aspectos da psique um caráter demoníaco, manifesta-se claramente ainda nas tendências do bebê (pp. 356).

Ora, novamente encontramos no texto de Freud², desta vez de maneira explícita, o termo *demoníaco* aplicado a *determinados aspectos da psique*. Pois bem, notamos nesta citação que o autor enfatiza precisamente esta relação entre o *demoníaco* e estes *determinados aspectos da psique* evidenciando mais uma vez que o primeiro nada mais é do que uma parcela dos segundos. Ou seja, retornamos à nossa conclusão de que Freud² entende os *demônios* como algo que o próprio sujeito tece no exterior e experimenta como *das Unheimliche*, algo de sua própria *psique*. Entretanto, como podemos justificar esta *exteriorização* de uma parcela do próprio sujeito?

Neste momento adentramos a segunda parte da questão que nos propusemos anteriormente, a saber, se *das Unheimliche* está relacionado a esta sexualidade infantil perversa e com aspirações incestuosas. Para isso, mostra-se imperioso salientar a relação que se mostra entre estas primeiras satisfações sexuais infantis e as figuras próximas, sobretudo a mãe ou a pessoa que exerce esta função³. Pois bem, uma vez que podemos deduzir que estas primeiras experiências de satisfação

sexual estão ligadas à natureza incestuosa, como poderemos sustentar essa *exílio* pelo qual todo este conteúdo passa a ponto de, futuramente, tornar-se *das Unheimliche*?

Entendemos que a resposta para esta questão esteja presente em grande parte da teoria de Freud¹⁻²⁻³⁻⁵⁻⁶, uma vez que o autor repetidas vezes defende que as primeiras experiências de satisfação sexual são de caráter incestuoso, conforme mostramos através dos recortes do texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* e que, em um momento posterior, o sujeito se defenderá destas aspirações de outrora. Contudo, optamos por buscar sustento para nosso entendimento sobre o *exílio* deste conteúdo primitivo no texto *Totem e Tabu (1912-1913)*⁶ onde o autor se dedica a tecer parte de sua construção teórica que aborda justamente o tema da evitação das aspirações incestuosas, sobretudo em seu primeiro capítulo, intitulado *O horror ao incesto*.

Nesta obra, Freud⁶ direciona sua atenção aos povos *selvagens e semisselvagens* residentes e recém-descobertos, sobretudo na Austrália, através do exame do trabalho de etnógrafos com intento de dar solidez a certas conclusões tecidas através do desenvolvimento da teoria psicanalítica. Através de nossa investigação, verificamos que Freud⁶ coloca logo no início do texto:

Certamente não esperamos que esses pobres canibais nus observem uma moral como a nossa em sua vida sexual, que tenham imposto a suas *pulsões* sexuais um alto grau de limitação. Sabemos, no entanto, que estabeleceram por meta, com enorme cuidado e penosa severidade, o impedimento de relações sexuais incestuosas. De fato, toda a organização social parece servir a tal propósito ou estar ligada à sua realização (pp. 19).

Analisando a citação acima, notamos que salta aos olhos de Freud⁶ justamente este impedimento *cuidadoso* das relações sexuais incestuosas. Desta forma, podemos deduzir que algo que precisa de tanto *cuidado* por parte destas culturas para ser evitado, se mostre justamente como algo cuja *aspiração é latente*? Ora, se não existisse interesse algum em sua concretização, evidentemente que não haveria necessidade de *impedimento*, tampouco de *cuidado*. Na verdade, concluímos inclusive que estes *intentos incestuosos* mostram-se tão intensos que precisam justamente dos inúmeros rituais realizados por estes povos para serem evitados. Neste sentido, Freud⁶ assevera: “Temos de admitir que, no tocante ao incesto, esses selvagens são mais sensíveis que nós. Provavelmente se acham mais próximos da tentação, de modo que têm necessidade de maior proteção contra ela” .

Por conseguinte, podemos também considerar uma relação próxima entre o *aterrorizante*, como uma das possibilidades de compreensão para *das Unheimliche*, e o próprio título escolhido por Freud⁶ para este primeiro capítulo da obra que examinamos neste momento, a saber, *O horror ao incesto*. Ora, notamos também que Freud⁶ menciona: “(...) esses selvagens mostram um grau insolitamente elevado de horror ou sensibilidade ante o incesto”. Por este motivo, sustentamos precisamente que isto que causa *horror* apenas indica algo absolutamente familiar, absolutamente

íntimo, ou, algo absolutamente *heimlich* para retomarmos o conceito freudiano. Só algo bastante íntimo e familiar pode então despertar o *horror* aparentemente injustificado, bem como, *das Unheimliche* que também é aparentemente injustificado. Verificamos que a particularidade que Freud⁶ reserva aos selvagens estudados se consiste em considerar que as aspirações incestuosas fadadas a tornarem-se inconsciente, nestes selvagens seriam ainda vistas como ameaçadores e merecedores de rigorosas medidas de defesa.

Nesta vertente, podemos então questionar: uma vez que das possíveis compreensões para *das Unheimliche* é justamente *horripilante* e Freud¹ opta pelo termo justamente em virtude desta múltipla possibilidade de compreensão, será que o sujeito da cultura estaria tão distante do selvagem, uma vez que determinada parcela de sua psique é igualmente experimentada através do *horror*?

Elaboraremos este questionamento novamente através de um retorno ao texto *das Unheimliche* (1919) quando Freud² pondera:

Parece que todos nós, em nossa evolução individual, passamos por uma fase correspondente a esse animismo dos primitivos, que em nenhum de nós ela transcorre sem deixar vestígios e traços ainda capazes de manifestação, e que tudo o que hoje nos parece “inquietante” preenche a condição de tocar nesses restos de atividade psíquica animista e estimular sua manifestação (pp. 359).

Parece-nos, pois, que a citação acima responde nosso questionamento anterior integralmente. Freud², ao mencionar o *animismo dos primitivos*, faz uma explícita referência ao seu trabalho *Totem e Tabu* (1912-1913) que mencionamos anteriormente. Mais precisamente, o autor se refere ao terceiro capítulo da obra, intitulado *Animismo, magia e onipotência dos pensamentos*.

Ora, de forma breve, Freud⁶ explica o conceito de *animismo* como a doutrina das almas ou dos espíritos e, ao longo deste capítulo em específico, o autor se dedica justamente a tecer seu entendimento sobre essa manifestação nos *selvagem* e *semis selvagens*, bem como sua estreita relação com o material íntimo destes sujeitos que é exteriorizado nas diversas figuras e práticas mágicas e animistas.

Uma vez que não se constitui objetivo deste escrito a investigação destas práticas, nos deteremos a retornar à última citação de Freud² onde visualizamos uma condensação de dados importantes para esta nossa investigação. Ora, parece-nos que Freud² então explica que estas características inerentes aos selvagens estão presentes ao longo do processo de desenvolvimento do sujeito da cultura. Ademais, o autor é claro ao mencionar justamente os *vestígios* e *traços* que este processo deixa, uma vez que deduzimos então, que ele não seja um processo *absoluto*. Nesta medida, podemos concluir que as diversas experimentações possíveis de *das Unheimliche* estejam ligadas precisamente a este caráter primitivo que, mesmo após o processo de *culturalização* ou de *evolução*, para retomarmos o termo escolhido por Freud², permanecem em cada sujeito.

No entanto, verificamos também que Freud² atribui grande importância à linguagem na transformação do que um dia foi *heimlich* em *unheimlich* quando assevera: “(...) compreendemos que o uso da linguagem faça o *heimlich* converter-se em seu oposto, o *unheimlich*, pois este *unheimlich* não é realmente algo novo e alheio, mas algo há muito familiar à psique que apenas mediante o processo de *recalque* alheou-se dela”.

Desta forma, estaria Freud² atribuindo à linguagem e ao *recalque* a responsabilidade pelo surgimento de *das Unheimliche*? Ou melhor, para a transformação de *heimlich* em *unheimlich*? Parece-nos que sim. O autor dá então a entender que o processo de desenvolvimento que, acompanhado da inserção da linguagem juntamente com o desenvolvimento e solidificação do *recalque*, exilam determinados conteúdos da psique, fazendo com que o sujeito em um momento futuro os transforme em *unheimlich*.

Outrossim, verificamos que o autor² retoma que *das Unheimliche* estaria relacionado então aos conteúdos infantis bem como aos *vestígios* e *traços* das características *selvagens* que permanecem no sujeito da cultura mesmo após seu processo de *evolução* e que, por algum motivo, ultrapassam a barreira do *recalque*. Contudo, estes conteúdos apareceriam *projetados* do lado de fora, como exteriores ao sujeito e, provavelmente, sem a limpidez de outrora, despertando as mais variadas experimentações possíveis mencionadas ao longo de nosso texto. Assevera Freud²: “Então nossa conclusão seria esta: o inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis *recalcados* são novamente avivados, ou quando crenças primitivas *superadas* parecem novamente confirmadas”. Todavia, repita-se que, paradoxalmente, todo este conteúdo é materializado precisamente no exterior, como se, no externo estivesse aquilo que faz o sujeito experimentar *das Unheimliche*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, podemos então concluir através das análises do texto freudiano, que a experimentação de *das Unheimliche* esta relacionada a conteúdos do próprio sujeito da cultura e que ocorre em virtude do *recalque* de uma *sexualidade infantil que é, de uma maneira geral, perversa*, juntamente à inserção da linguagem. Este conteúdo *recalcado* é então *projetado* para fora e experimentado, sem a mesma limpidez de outrora, como *unheimlich*.

Além disso, sustentamos que a tradução do termo escolhido por Freud para nomear o texto e o conceito é de impossível tradução para o português. Tanto o termo *O Inquietante* escolhido por Paulo César de Souza para as obras completas de Sigmund Freud da editora Companhia das Letras, como o termo *O Estranho*, presente na edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund

Freud da editora Imago e o termo *Infamiliar*, escolhido por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares para as obras incompletas de Sigmund Freud da editora Autêntica, podem representar alguns dos significados ou uma das experimentações possíveis para *das Unheimliche*, entretanto, de forma alguma podem dar enlace a tudo o que Freud indica estar relacionado a este conceito.

Entendemos também que o termo *Uncanny*, presente na *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* e que serviu de base para a tradução para o português da editora Imago, vai um pouco mais longe ao remeter a algo *estranho e/ou misterioso* de *difícil* ou *impossível* explicação, mas ainda assim carece de amplitude, uma vez que não remete à maior parte das possíveis experimentações de *das Unheimliche*.

Desta forma, optamos por finalizar nosso escrito apenas defendendo que o conceito criado por Freud e batizado por ele de *das Unheimliche* talvez deva ser chamado e entendido pelo seu título original que contém, em si, todos os entendimentos que o autor o atribuiu. Não existe, em português, palavra capaz de, ao mesmo tempo, enlaçar tantas experimentações possíveis relacionadas a este conceito e, atribuir-lhe palavra de nosso idioma só o faz ser reduzido a um entendimento incompleto e talvez equivocado.

5. REFERÊNCIAS

1. Freud S. Das Unheimliche. In: *Gesammelte Werke*. London: Imago Publishing, v. XII, 1966.
2. Freud S. O Inquietante. In: *Obras completas*, volume 14. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
3. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*, volume 6. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
4. Roudinesco E. (2007). *A parte obscura de nós mesmos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
5. Freud S. Das Unbewußte. In: *Gesammelte Werke*. London: Imago Publishing, v. X, 1949.
6. Freud S. Totem e Tabu. In: *Obras completas*, volume 11. São Paulo: Companhia das letras, 2016.